

LIBERDADE DE IMPRENSA (1967) de João Batista de Andrade

Liberdade de imprensa é um documentário de média metragem filmado em 1967, que marca a estreia de João Batista de Andrade na direção. O espírito livre e questionador do filme toma a imprensa como mote e discute a liberdade de expressão e os caminhos tomados pelo relativamente recente governo militar golpista. Tais assuntos são problematizados e procura-se retratar um amplo panorama em que são ouvidos de jornalistas, políticos, até trabalhadores de classes menos favorecidas da sociedade.

O filme tem uma estética jornalística, livre, apoiada em preceitos de cinema-verdade.¹ Expondo discursos de diversos tipos, classes e funções sociais acerca da imprensa e da liberdade de expressão em um país que vivia sob um regime ditatorial. Cabe notar que o discurso fílmico procura acentuar a contradição entre discursos, que muitas vezes expunham fragilidades teóricas, desconhecimento de leis, conservadorismo e descontentamento com o cerceamento da livre expressão.

Militante marxista no movimento estudantil de São Paulo e próximo ao Partido Comunista brasileiro (PCB) João Batista de Andrade já havia participado como assistente de direção do filme *Subterrâneos do futebol*, 1965, de Maurice Capovilla. Participou também de *Universidade em crise*, do mesmo ano, como assistente de direção de Renato Tapajós – colega e também militante –, documentário realizado com o financiamento do grêmio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. A parceria com a faculdade se repetiu dois anos mais tarde, e assim João Batista de Andrade pôde realizar *Liberdade de imprensa*, agora assumindo a direção do projeto.²

Antes mesmo dos créditos iniciais, o filme traz o depoimento de um homem de origem humilde, que se identifica como Celso Monteiro da Silva, que trabalha no jornal O Estado de São Paulo na função de motorista³ e também em uma banca de jornal. Em sua fala ele nomeia a imprensa brasileira como uma das mais bem vistas do mundo. Ao longo do filme esse trabalhador retornará e seguirá seu depoimento a respeito da

¹ Filmes realizados com equipamentos mais leves, gravadores de som que substituíam a dublagem em estúdio pelo som direto captado na locação, e registro documental, muitas vezes acompanhando um grupo de pessoas e as observando, como fizeram, por exemplo, Pennebaker nos EUA e Jean Rouch na Europa.

² Cabe apontar também como participante do filme, nas funções de assistente geral e continuidade, João Silvério Trevisan, que em 1970 iria dirigir o filme *Orgia ou o homem que deu cria*.

³ Informação retirada de: FREIRE RAMOS, Alcides. *História e cinema: reflexões em torno da trajetória do cineasta João Batista de Andrade durante a ditadura militar brasileira (1964 – 1985)*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2008 Vol. 5º Ano V nº 1. p. 3.

imprensa e de demais assuntos a ela ligados, sempre demonstrando segurança ao expor sua opinião sobre o assunto.

Além dele, são entrevistados diversos jornalistas e políticos, entre eles Tavares de Miranda, Carlos Lacerda, Genival Rabello e o deputado João Calmon. Interessante notar aqui a posição de Carlos Lacerda (nesse momento histórico já rachado com a UDN devido à prorrogação do mandato do presidente Castelo Branco⁴) contrária à Lei de Imprensa – instituída na Constituição de 1967 do regime militar. Ele afirma já haver normas legais no código penal brasileiro da época que poderiam punir eventuais crimes cometidos pela imprensa, sendo, portanto, uma lei contra a imprensa.⁵ Carlos Lacerda lançaria a Frente Ampla junto de outros opositores ao regime como João Goulart e Juscelino Kubistchek e seria cassado em 1968.

Logo após o pronunciamento de Lacerda, João Batista de Andrade insere uma entrevista realizada com um cidadão, cujo nome não é identificado, que, após citar alguns jornais que costuma ler, fala sobre Lacerda e sobre sua crítica à Lei de Imprensa. Segundo o entrevistado, Lacerda seria um dos poucos que poderiam criticá-la, uma vez que foi “um dos artífices da Revolução que derrubou um regime que se vivia sobre a égide da democracia”. O homem continua seu discurso, afirmando que a imprensa não o satisfaz, pois ela “nem sempre traduz o nosso pensamento”.

A intervenção estrangeira, também em pauta no filme, é colocada a partir do caso Globo/Time-Life, que foi um acordo milionário assinado entre as organizações Globo e o grupo norte americano Time-Life. O acordo permitiu ao grupo brasileiro comprar equipamentos e construir sua estrutura. A polêmica em torno do caso surgiu pois o grupo estrangeiro teria participação nos lucros da Globo e a Constituição da época proibia participação estrangeira em empresas nacionais de comunicação.

É notável um dos momentos finais do filme em que, enquanto um cidadão é entrevistado, o som de seu discurso é intercalado com imagens de repressão, expondo, então, a posição do realizador de crítica ao regime. A fala neste instante é emblemática, consciente de seu conhecimento rarefeito da lei, porém esclarecido a respeito dos caminhos políticos tomados pelo atual governo: “A imprensa deve ser livre. O dia que a

⁴ O presidente Castelo Branco tomou o poder em 1964 com a promessa de serem realizadas eleições presidenciais. Com os Atos Institucionais ampliando o poder do Executivo e suprimindo as liberdades políticas da população, seu mandato terminou e Costa e Silva assumiu o cargo (FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, SP. 2ªed. p. 468-475)

⁵ A Lei de Imprensa foi instituída sob vigência da Constituição de 1967 durante o regime militar. A lei institucionalizou a censura e a punição mais severa aos jornalistas brasileiros. Ela também confirmava e consolidava o regime autoritário atuante no Brasil.

imprensa não for livre é o fim. Eu não tenho conhecimento do texto da lei, mas acho que toda lei deve dar a maior liberdade para a imprensa e para a expressão do povo. O povo deve falar, e não está acontecendo isso no Brasil atualmente. Eu falo isso com a maior tristeza.” Além das imagens de repressão, ao longo da fala é inserido na trilha musical um trecho de *A sagração da primavera*, de Igor Stravinsky, marco da iconoclastia moderna na música erudita do início do século XX, acentuando as contradições dos discursos e o choque da repressão militar a partir da intensidade sonora da peça.

O trabalhador Celso Monteiro da Silva que inicia o filme volta a falar em defesa da intervenção estrangeira no Brasil, com medo da possibilidade do país se transformar em uma Cuba de Fidel Castro. Para ele o regime militar era bem vindo uma vez que protegia os cidadãos de um golpe comunista. A confusão do homem pode ser vista como um reflexo daqueles anos pré Ato institucional número 5 (AI-5), que colocaria abaixo qualquer esperança de democracia. Muitos, como Celso Monteiro, demonstravam medo do golpe comunista e defendiam a “revolução” militar e intervenção estrangeira no país, porém já começava a ficar claro um sentimento de melancolia devido ao ambiente anti democrático que o atual governo construía.

João Batista de Andrade fazia um importante trabalho durante a década de 1970 na televisão – na TV Cultura e na Globo – por meio de reportagens, lutando contra a censura e contra boicotes das próprias emissoras e do governo por conta de seus conteúdos políticos. *Wilsinho Galiléia*, filme de 1978, é um exemplo – longa metragem realizado para o programa Globo Repórter foi proibido pelo governo federal.⁶

Além do trabalho posterior na televisão, João Batista de Andrade dirigiu relevantes filmes da cinematografia brasileira como *Gamal, o delírio do sexo*, 1970, e *O homem que virou suco*, 1980.

Rafael Dornellas⁷

⁶ Ibidem. p. 10.

⁷ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Victorio Morettin, dentro do projeto Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 485808/2013-7).

FONTES DE PESQUISA:

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e Imagens do Povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ªed. Editora da Universidade de São Paulo: fundação do desenvolvimento da educação. São Paulo, SP. 1995.

FERREIRA, Jose Roberto Martins. *Liberdade De Imprensa*. Introdução de Sineval Martins Rodrigues. Sao Paulo: FDE, 1992.

FREIRE RAMOS, Alcides. *História e cinema: reflexões em torno da trajetória do cineasta João Batista de Andrade durante a ditadura militar brasileira (1964 – 1985)*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2008 Vol. 5º Ano V nº 1. Disponível em http://www.revistafenix.pro.br/PDF14/Artigo_11_Alcides_Freire_Ramos.pdf acessado em 23/06/2015.

LEAL, Hermes. *A liberdade nos anos 70: como fazer um filme*. Revista de Cinema, v. 9, n. 86, p. 47, maio 2008.

REIS, Francis Vogner dos. *João Batista de Andrade: os descaminhos do cinema e do Brasil*. Revista Paisà, v. 2, n. 9, p. 13-15, out.-nov.2007

João Batista de Andrade e o moderno documentário brasileiro: intervenção, ruptura e reflexão. Entrevista concedida por João Batista de Andrade a Gilberto Alexandre Sobrinho. Revista Rebeca. Ano 1. Número 2. Disponível em http://www.socine.org.br/rebeca/pdf/2_9.pdf acessado em 23/06/2015.

João Batista de Andrade Alguma solidão e muitas histórias. São Paulo. Imprensa oficial. 2004. <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.812.893.pdf>

Site: <http://www.cinamateca.gov.br/>